

**a defesa do patrimônio cultural imaterial:
duas décadas de ações de resgate e salvaguarda na américa latina***

**the defense of intangible cultural heritage:
two decades of rescue and safeguarding actions in latin america**

Denise Pini Rosalem da Fonseca

Historia Y Vida

Editora Chefe

Atibaia, SP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8888-6605>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17819208>

Resumo: Um relato histórico dos primeiros trabalhos do selo editorial *Historia y Vida*, que completa 25 anos no Brasil. A autora descreve o contexto em que se realizaram pesquisas pioneiras de patrimônio cultural imaterial no Equador, entre 1998 e 2000, que foram contemporâneas ao processo de estabelecimento dos fundamentos da *Convenção de 2003* pela UNESCO. O propósito central da editora chefe de *Historia Y Vida* é recuperar esta memória, destacando as sinergias que existem entre os propósitos estruturantes do selo editorial e a política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial da UNESCO.

Palavras-chave: (1) Patrimônio imaterial; (2) Patrimônio cultural; (3) Política de reconhecimento; (4) América Latina; (5) Historia Y Vida.

Abstract: A historical account of the early work of the *Historia y Vida* publishing stamp, which is celebrating its 25th anniversary in Brazil. The author describes the context in which pioneering research on intangible cultural heritage was carried out in Ecuador between 1998 and 2000, contemporaneous with the process of establishing the foundations of the 2003 UNESCO Convention. The central purpose of the editor-in-chief of *Historia y Vida* is to recover this memory, highlighting the synergies that exist between the structuring purposes of the publishing house and UNESCO's policy for safeguarding intangible cultural heritage.

Keywords: (1) Intangible heritage; (2) Cultural heritage; (3) Recognition policy; (4) Latin America; (5) Historia y Vida.

* A autora autoriza a copublicação deste artigo, na versão em Espanhol, intitulada “Los sencillos elementos del quehacer cotidiano: la salvaguarda del patrimonio cultural inmaterial latinoamericano” na Revista Hispanista no. 100 (ISSN 1656-9058), em dezembro de 2025 @hispanista.com.br

Duas décadas, duas celebrações e incontáveis sinergias

Em 2025 o selo editorial *Historia Y Vida* completou 25 anos de existência no Brasil, porém sua história de compromisso com o patrimônio cultural latino-americano já havia começado muito antes na cidade de Quito, a primeira cidade do mundo a ser reconhecida pela UNESCO como *Patrimônio da Humanidade*, em 1978.

Em 2023, o multilateralismo celebrou os 20 anos da *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* (PIC), que foi adotada pela UNESCO em 17 de outubro de 2003. Para celebrá-la, a 10a. Assembléia Geral da Convenção de 2003 - realizada em Paris em junho de 2024 — apresentou o estudo *20º aniversário da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial: estratégias e experiências da América Latina e Caribe* (CARVALHO & RODRIGUEZ 2023).

Naquele documento se apresenta uma revisão histórica detalhada da construção do conceito “patrimônio cultural imaterial” pela UNESCO, desde a constituição da própria agência - em novembro de 1945 - até os dias atuais. São, portanto, oito décadas de reflexões e ações de reconhecimento e preservação dos elementos que compõem as identidades nacionais a partir dos patrimônios culturais dos Estados membros das Nações Unidas, como forma de construir e consolidar um multilateralismo respeitoso, inclusivo e efetivamente pacifista.

Dada a importância da presença do *Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais* (CLACSO) na região desde a década de 1960 — que se ocupa de destacar o peso dos embates culturais responsáveis por uma extraordinária diversidade cultural, tão grande quanto as desigualdades sociais na região — a América Latina e o Caribe contribuíram decisivamente para o amadurecimento deste conceito na UNESCO. A partir das suas primeiras formulações na década de 1960 - baseadas na ideia de “folclore” — o conceito “patrimônio cultural imaterial” amadureceu na agência até a sua mais recente concepção e atuais normativas de reconhecimento e salvaguarda.

Nesta jornada de percepção e valorização da cultura de cada grupo humano, de cada povo ou de cada nação, os anos 1970 foram decisivos para a construção da política da UNESCO de salvaguarda do PCI, pois eles representaram uma mudança de estratégia:

A ideia de um programa mundial coordenado para a proteção do folclore passaria a ser um novo tema na UNESCO, especialmente a partir do início da década de 1970, quando o assunto foi inserido na agenda internacional (CARVALHO & RODRIGUEZ 2023: 9).

Por viver no Equador por 10 anos no intervalo de três décadas, já ao final da década de 1970 começamos a aprender sobre identidades étnico-culturais; patrimônios urbanísticos históricos, arquitetônicos e imateriais;

diversidade biosocioacultural e as incontáveis estratégias que as populações tradicionais e os povos originários latino-americanos detêm - há séculos - para preservar e atualizar seus saberes, suas existências e suas formas de (re)existências.

Historia y Vida nasceu em Quito, em 1998. No contexto internacional, o final da década de 1990 assistia ao florescer da globalização, e naquele momento se observava o ressurgimento de identidades culturais como forças sócio-políticas libertárias e emancipadoras mas, também, muitas vezes ressentidas, sectárias e violentas. Havia que cuidar para que a diversidade identitária ressurgente - ou insurgente - não desaguasse em uma fragmentação social e política que pudesse ameaçar as democracias — muitas ainda em processo de consolidação — e, no limite, o próprio multilateralismo.

Naquele contexto a cultura ganhou uma centralidade política até então pouco conhecida, e durante a década de 1990 a UNESCO trabalhou com celeridade para construir uma política sólida de resgate, reconhecimento e preservação do patrimônio cultural dos distintos povos e nações. Esse trabalho resultou na *Convenção de 2003*, estabelecendo a política da UNESCO de salvaguarda.

Seguindo a trilha aberta pela UNESCO, ao final dos anos 1990 *Historia Y Vida* começou a desenvolver pesquisas participativas com comunidades, para resgatar seus elementos identitários estruturantes a partir de histórias cotidianas, técnicas artesanais, tradições culinárias, documentos manuscritos ou iconográficos familiares, memórias de idosos, artefatos, registros de flora e fauna de microbiomas, práticas religiosas e espirituais, expressões artísticas e tantas outras formas de registros de patrimônio identitário e cultural comunitário.

As pesquisas - que logo se plasmaram em livros ilustrados - buscavam documentar a diversidade sociocultural equatoriana com estudos territorializados de Antropologia Cultural. O objetivo era o de resgatar, documentar e ressignificar os elementos estruturantes das identidades culturais locais e apresentá-los nas altas esferas letradas, sociais e políticas da nação, ressignificando estes acervos locais como estandartes de orgulho nacional. O que se buscava era contribuir para a construção da ideia de uma nação equatoriana biosocioacultural diversa, cuja soberania nacional e democracia poderiam se fortalecer e sustentar - em um território marcado por desigualdades bio-étnico-sociais históricas e profundas - pela força do reconhecimento e respeito ao seu patrimônio natural, antropológico, histórico e cultural.

Em dezembro de 1998 publicamos a primeira destas obras: *Secretos de Alacena*. Por haver sido desenvolvida no Museo de la Ciudad de Quito, ali também ocorreu a cerimônia de lançamento, que foi presidida por Federico Mayor Zaragoza — então Diretor Geral da UNESCO - com a presença de 400 convidados - da Presidência da República aos membros do Corpo

Diplomático residente em Quito. Toda a primeira edição desta obra foi adquirida pelo próprio governo equatoriano para ser oferecida como o presente oficial de Natal do Equador aos países com os quais mantém relações diplomáticas. Este foi o trabalho que *Historia Y Vida* se propôs a desenvolver a partir dali, e este relato o apresenta em celebração dos seus 25 anos no Brasil.

Do lado da UNESCO, em duas décadas de existência a *Convenção de 2003* transformou a forma como o mundo comprehende e protege seus patrimônios. Ela democratizou vozes, ampliou o repertório da humanidade, valorizou saberes antes invisibilizados e criou mecanismos inéditos de participação comunitária, sendo este também um percurso a ser celebrado.

Um pouco sobre a *Convenção de 2003*

Diante da fragmentação cultural e identitária, que ao final da década de 1990 já apontava para os riscos de esgarçamento das democracias; do acirramento dos fundamentalismos étnicos e religiosos; do ressurgimento de extremismos nacionalistas; do enfraquecimento do multilateralismo, e do poder da sociedade em rede - que se organizava em torno das “identidades culturais” fortemente ligadas aos territórios -, estava claro que a “cultura” deveria necessariamente ser articulada aos conceitos contextualizados de “desenvolvimento” - e o seu contemporâneo “sustentabilidade” - dos territórios, dos povos e das nações.

Neste cenário a *Convenção de 2003* inaugurou um novo paradigma ao definir “patrimônio cultural imaterial” como:

... as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (...) seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável (UNESCO 2003: 4).

Essa definição revolucionou o campo da preservação por enfatizar as seguintes dimensões de ação de resgate e preservação do PCI:

- **Centralidade das comunidades:** O patrimônio deixou de ser definido exclusivamente por especialistas, passando a ser reconhecido a partir da autodeclaração de seus detentores. É a comunidade quem aponta o que é significativo e o que deve ser preservado;
- **Ênfase na transmissão:** Mais do que a preservação de objetos, o foco recai sobre os processos de transmissão geracional, que garantem que os conhecimentos continuem vivos;
- **Patrimônio como um processo vivo:** A Convenção de 2003 reforça que essas práticas estão em constante recriação, eliminando a ideia de “autenticidade fixa” e introduzindo o conceito de “salvaguarda” — distinta de conservação. “Salvaguardar” significa criar condições para que as práticas continuem existindo, e não cristalizá-las, e
- **Diversidade cultural como Direito:** O PCI passa a ser reconhecido como instrumento de fortalecimento da diversidade cultural e dos direitos culturais de povos indígenas, afrodescendentes e comunidades tradicionais.

A partir de tais fundamentos, e das ferramentas de implementação que a Convenção de 2003 instalou, foi ampliado radicalmente o escopo do que é reconhecido como PCI. Essa ampliação fortaleceu identidades locais e proporcionou visibilidade global a povos historicamente marginalizados. Em decorrência disso, os processos de candidatura passaram a exigir a participação e a assinatura de “termos de consentimento livre e informado” das comunidades detentoras e isso transformou profundamente a governança cultural.

Em diversos países, o reconhecimento do PCI fomentou programas de desenvolvimento comunitário, turismo sustentável e valorização dos saberes tradicionais relacionados ao manejo ecológico. Desta maneira, a Convenção de 2003 tornou-se uma ferramenta essencial para fortalecer lutas por território, autonomia cultural e preservação de línguas.

Embora os avanços na salvaguarda do PCI nos territórios a partir da Convenção de 2003 sejam incontestáveis, Carvalho & Rodríguez (2023) destacam alguns dos desafios — novos e antigos — que estão presentes:

- Comercialização excessiva de práticas culturais após a sua inscrição;
- Disputas políticas internas sobre quem detém legitimamente determinado conhecimento;
- Risco de folclorização, quando uma prática viva é convertida em espetáculo;
- Subfinanciamento de iniciativas estruturantes, apesar da grande visibilidade internacional, e
- Necessidade de incorporar efetivamente os direitos dos povos indígenas, evitando abordagens coloniais.

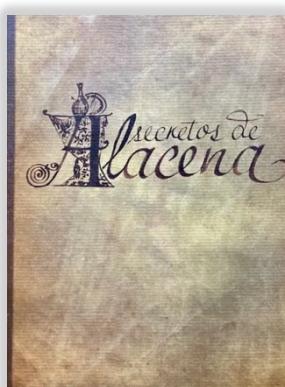
Ao completar 20 anos, a *Convenção de 2003* está consolidada como um dos instrumentos mais inovadores e potentes da UNESCO. O desafio atual para a “salvaguarda” do PCI – e consequentemente para as ferramentas postas pela *Convenção de 2003* - é que o debate sócio-político contemporâneo vem buscando amalgamá-la com outras agendas políticas que são inexcusáveis e impostegáveis na atualidade, tais como:

- Questões climáticas e socioambientais;
- Direitos culturais e políticas de inclusão;
- Tecnologias digitais e preservação de memória, e
- Segurança alimentar, soberania dos povos tradicionais e modos de vida sustentáveis.

Há, cada vez mais, a compreensão de que o PCI não é apenas herança simbólica, mas também um conjunto de tecnologias sociais indispensáveis para a construção de futuros sustentáveis. Hoje, ao olhar para o futuro, a *Convenção de 2003* apresenta-se como um instrumento essencial para fortalecer identidades, promover justiça histórica e contribuir para a construção de sociedades plurais, resilientes e comprometidas com a diversidade cultural como valor universal. Mas o contexto atual é o de militante enfraquecimento do multilateralismo e de descarado crescimento de cosmovisões supremacistas, racistas e xenofóbicas, em um contexto de tripla crise planetária.

Em vista disso, nunca foi tão urgente articular os patrimônios culturais da nossa humanidade comungada aos projetos de “desenvolvimento” e “sustabilidade” - locais e global - queせjamos capazes de conceber e defender.

Historia y Vida e os PCIs comunitários equatorianos



Secretos de Alacena (FONSECA; VON BUCHWALD & MORENO 1998) se fez muito rapidamente. Entre conceber uma ideia e lançar um livro não se passaram nem mesmo seis meses.

O livro luxuosamente impresso em papel couché de alta gramatura, integralmente ilustrado com um projeto gráfico a cada uma das suas 205 páginas, reúne cópias *facsimile* de folhas de cadernos de receitas de senhoras quitenhas do século XIX e suas transcrições.

As ilustrações são reproduções fotográficas de obras de arte do acervo do Museo de la Ciudad de Quito, que mostram ingredientes e alimentos,

utensílios e seus usos, processos de preparo e apresentações em contextos diversos nos séculos XVIII e XIX quitenhos.

A ideia que deu origem a construção da obra nasceu do desejo da Diretora - *Patrícia Von Buchwald* - de criar uma proposta de visita guiada ao *Museo de la Ciudad de Quito*, que havia sido inaugurado em julho daquele ano. O edifício no qual o Museu está instalado é onde outrora for a o *Hospital San Juan de Dios* (1565), recém restaurado e tombado pela UNESCO como *Patrimônio Cultural da Humanidade*. Este monumental prédio está localizado no Centro Histórico da cidade de Quito, e o entorno da sua localização passava por um momento de severa desvalorização urbana, o que dificultava o acesso dos visitantes “letrados” ao museu. Havia que construir com a comunidade residente local – as trabalhadoras do sexo e suas famílias – algum “novo contrato” através do qual o projeto de visita guiada pudesse envolvê-las e aos seus filhos, e foi assim que surgiu a ideia de resgatar tradições culinárias de mulheres quitenhas ancestrais.

O desdobramento deste esforço de reconstrução do patrimônio culinário do século XIX quitenho seria o desenvolvimento no museu de oficinas culinárias conduzidas por renomados Chefs quitenhos, articuladas com visitas guiadas às salas do arcevo de História cotidiana, cujos guias seriam os filhos das trabalhadoras residentes na comunidade local. As narrativas das visitas seriam co-construídas com os participantes baseadas nos achados do livro. Concebeu-se um livro de luxo construído a partir de simples cadernos de manuscritos gravados em folhas pautadas, cuidadosamente guardados em baús de memória femininas por muito tempo.

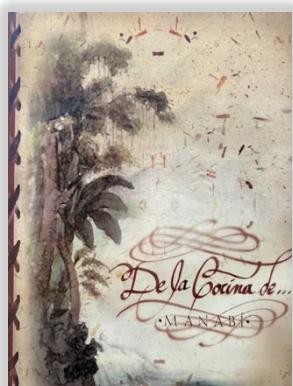
O projeto do museu era revolucionário, pois transformava negligenciados “escritos femininos” em valiosos manuscritos de um novo “cânone cultural” em construção nas franjas do patriarcado. E assim foi feito!

* * * * *

O sucesso de *Secretos de Alacena* provocou o interesse em outros corações e mentes pelo resgate de memória e história como mecanismo de reconstrução de identidades culturais e projetos de desenvolvimento local comunitário a partir da cultura. Durante o ano de 1998 a região costeira equatoriana fora devastada pelo força do fenômeno *El Niño*. Oito cidades

da Província de Manabí haviam sido praticamente destruídas e nas comunidades pairavam as sombras da morte, da destruição e da inação.

Movida pelo amor à sua terra natal e pelo cuidado com o patrimônio cultural da sua família, a empresária manabita *Patricia Dueñas de Wright* se propôs a fazer daquela crise uma oportunidade de valorização cultural familiar e mobilizou recursos e pessoas para



produzir *De la Cocina de... Manabí* (FONSECA & MORENO 1999a).

Em meados de 1999 *Historia Y Vida* lançou o livro na capela do Centro Cultural Biblioteca Ecuatoriana Aurelio Espinoza Pólit, lotada pela elite sociocultural quitenha, durante a qual um grupo nacional de artes populares apresentou uma performance do “casamento” entre o “empresariado equatoriano” e a “cultura nacional”, inaugurando no Equador o conceito de filantropia de impacto social.

Extremamente simbólico e profundamente revolucionário!

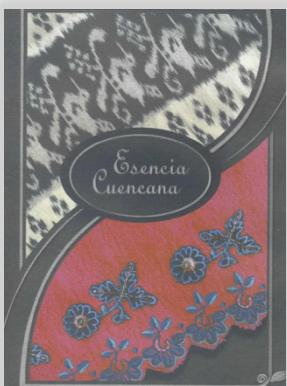
São 185 páginas de uma obra que mereceu o primeiro prêmio da *Bienal Internacional de Design* (Quito 2000). Ela incluiu a reprodução de 66 lâminas botânicas do desenhista manabita Juan Tafalla, quem documentou o bioma local através na coleção *Flora Huayaquilensis*, da expedição botânica *Nach Ecuador* liderada pelo explorador Joseph Kolberg SJ (1885). A coleção completa das lâminas pertence ao *Real Jardim Botânico de Madrid* e o público geral equatoriano praticamente a desconhecia, até que estas reproduções fossem autorizadas para serem incluídas no livro.

Desta vez a pesquisa de campo trouxe muito mais: mulheres manabitas das oito cidades enviaram seus cadernos de receitas, outras abriram seus baús e deles retiraram fotos familiares que remontavam mais de cinco décadas de cidades da região que foram praticamente destruídas. Com elas reconstruimos crônicas da vida cotidiana na Província alinhadas às ideias de protagonismo feminino na governança das comunidades; à importância da transmissão geracional de saberes, e à ideia de que o patrimônio cultural se cria e recria cotidianamente, atualizando a tradição para manter a sua validade.

* * * * *

No ano de 1999 a cidade de Cuenca estava se preparando para o seu tombamento pela UNESCO como *Patrimônio Cultural da Humanidade*. A novidade era que o tombamento da cidade se dava muito mais pelo seu acervo de cultura imaterial, plasmado em técnicas artesanais e artes populares (cerâmica, tecelagem, joalheria, culinária, festas religiosas e populares, música, etc) do que propriamente pelo seu conjunto arquitetônico e urbanístico. Estávamos no fulcro do debate da UNESCO sobre *Patrimônio Cultural Imaterial* e a cidade de Cuenca - e suas populações indígenas residentes nas montanhas da Província - pareciam encarnar o conceito com grande representatividade material e simbólica.

O empresariado equatoriano já havia se convencido da importância da filantropia de impacto social e não tardou para que um grupo robusto de empresas e instituições culturais cuencanas se decidisse a promover um resgate de memória em Cuenca. A propria UNESCO Equador voluntariou para patrocinar o esforço de pesquisa que *Historia Y Vida* desenvolveu em Cuenca, sob o abrigo da *Subsecretaria de Turismo del Ecuador*; da *Municipalidad de Cuenca*, e do *Centro Interamericano de Artesanías y Artes Populares*.



Foi assim que nasceu *Esencia Cuencana* (FONSECA & MORENO 1999b). O texto foi organizado apoiado em quatro pilares:

- **Elementos:** O que é nativo no ambiente local;
- **Instrumentos:** As distintas ferramentas que cada “ofício” demanda e desenvolve;
- **Técnicas:** Os procedimentos e processos que são transmitidos através das sucessivas gerações, e
- **Obra:** A dimensão simbólica ou transcendente que se agrupa a cada criação ou reprodução, que envolve trabalho intelectual, criativo e intenções humanas, um constructo que carrega em si valores não apenas imanentes, incluindo afetos, o sagrado e o religioso.

Em dezembro daquele ano o livro foi lançado na Chancelaria em Quito, a sede da Diplomacia do país, e como ocorreu no ano anterior com *Secretos de Alacena*, *Esencia Cuencana* foi o presente institucional do governo equatoriano de 1999.

Insucessos e recomeços: a dinâmica da permanência

No começo do ano 2000 *Historia Y Vida* deixou o Equador para se estabelecer definitivamente no Brasil, onde fundou e manteve por dois anos uma revista digital de cultura latino-americana intitulada *Lactitud*, do website *Anônimos Latinos* (2000-2002). O contexto era o do boom da internet, e na América Latina, de uma forma geral, ainda engatinhávamos, tanto no desenvolvimento das tecnologias digitais, quanto nas muitas possibilidades de apropriação daquelas novas ferramentas, especialmente na área da cultura e nos círculos acadêmicos, ainda muito reticentes quanto à qualidade das publicações digitais.

O propósito de *Anônimos Latinos* era atuar como uma “vitrine cultural” dos trabalhos literários, artísticos e de artes populares que são cotidianamente desenvolvidos por “anônimos ilustres” da América Latina e Caribe. A revista era trimestral, publicada em Espanhol, Português e Inglês. Os trabalhos propostos eram todos recebidos, editados, ilustrados e publicados nos três idiomas. A variedade de técnicas, públicos-alvo, comunidades criativas, objetos e propósitos dos autores que participaram da revista foi surpreendente, e permitiu que se visibilizassem pautas de resistência culturais descohecidas em todos os países de língua hispanica da América Latina e Caribe e no Brasil. Desde textos de roteristas de telenovela da Venezuela a obras de teatro de fantoches apresentadas em presídios no Uruguai, a América Latina que se revelou em *Anônimos Latinos* apresentava muitas camadas de patrimônio cultural na região, o mesmo que até hoje ainda espera por ser reconhecido e salvaguardado.

Mas os temas do risco de folclorização e, principalmente, o subfinanciamento de iniciativas estruturantes, apesar da sua importância - desafios identificados por Carvalho & Rodríguez (2024) - são um dado inquestionável de realidade que, não raro, fazem iniciativas de salvaguarda do PCI das comunidades menos privilegiadas se render à impossibilidade material de seguir se expressando visivelmente.

A valiosa história de *Anônimos Latinos* não foi diferente disso!

* * * * *

Nas décadas seguintes, duas outras vezes *Historia Y Vida* regressou a Cuenca, para finalizar registros de “cuencanidades” e suas muitas capas de

patrimônio cultural imaterial, que haviam sido iniciados antes de 2000. Em 2006, por ocasião da celebração do centésimo aniversário da iconográfica María Astudillo Montesinos, publicamos *Cién Años de Amor a la Vida* (ASTUDILLO 2006) patrocinados pelo Museo de los Metales.

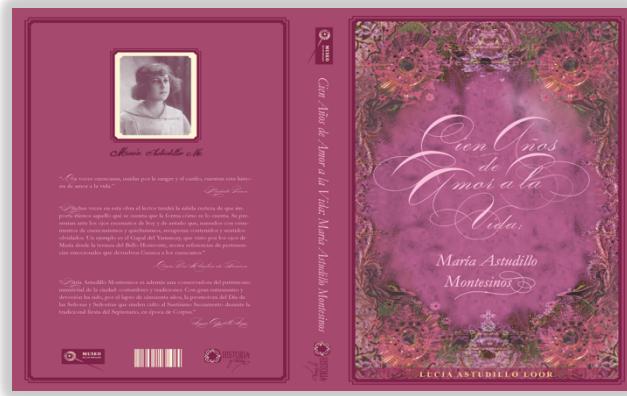


Figura central na organização das festas cuencanas em celebração de *Corpus Christi* – lendárias no Equador – a senhorita Marujita era um repositório de memória social da cidade e detentora de uma vasta coleção de manuscritos, artefatos e histórias pessoais de grandes artistas, intelectuais e artesãos da região. Este seu livro de memórias foi instrumento fundante para a construção poucos anos mais tarde da *Casa Museo María Astudillo Montesinos*, um museu de história cotidiana de Cuenca.

Através dos relatos e documentos de Marujita muito se pode conhecer sobre estruturas de poder intrafamiliares e institucionais, currículos e práticas pedagógicas em escolas e instituições religiosas, os significados simbólicos dos doces que se vendem nas praças durante as festas e até mesmo práticas sociais de negociações para a contratação de serviços, que permanecem vivas na cultura local cuencana.

Foi também a partir do acervo de documentos familiares da senhorita Marujita, que *Historia Y Vida* publicou o quinto e último livro de resgate de patrimônio cultural imaterial no Equador.



Buen Pago a los Acreedores (ASTUDILLO & MORENO 2018) é uma publicação facsímile da comédia de costumes de autoria de Remigio Astudillo Chica em Cuenca em 1886, escrita como um presente de aniversário para a esposa de um primo. A peça retrata uma família endividada que usa de todas as estratégias de que dispõe para fugir do assédio dos credores batendo à sua porta.

O texto permite conhecer - através de um enredo regado a ironias e situações jocosas - a precarização da vida cotidiana na Província decorrente de uma reinstalação do Estado nacional equatoriano e suas dificuldades com os movimentos políticos locais; com um novo sistema monetário e a superposição de moedas; com as intermináveis inssurreições militares latino-americanas; com as relações sociais e laborais desorganizadas em todo o país, e tantas outras facetas da vida política e social no Equador ao final do século XIX. *Buen pago* é hoje parte do acervo de publicações da Casa Museo María Astudillo Montesinos e do Museo de los Metales, parceiros com os quais *Historia Y Vida* se orgulha de haver colaborado na salvaguarda do patrimônio cultural imaterial da Província de Cuenca.

Em 2023 a UNESCO comemorou os 20 anos de haver colocado por escrito que o *Patrimônio Cultural Imaterial* é essencial para gerar um sentimento de identidade e continuidade - compatível com os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável - ao salvaguardar saberes, práticas e expressões vivas que fortalecem identidades, promovem diversidade cultural e garantem a continuidade das tradições para as futuras gerações.

Comungando tais percepções a agendas de ação, *Historia Y Vida* se alegra ao completa 25 de anos de trabalho pelo reconhecimento, valorização, respeito, visibilização e salvaguarda das valiosas e incontáveis identidades culturais latino-americanas, e seus ainda pouco conhecidos e subvalorizados patrimônios culturais imateriais.

A menudo, lo que sostiene las grandes obras humanas — sean ellas imponentes edificaciones o sofisticadas construcciones culturales — son las estructuras tradicionales compuestas por los sencillos elementos del quehacer cotidiano de sus constructores.

Denise Fonseca — *Historia Y Vida* (ASTUDILLO & MORENO 2018: 13).

Referências

ASTUDILLO, L. (Ed) (2006). *Cién Años de Amor a la Vida: María Astudillo Loor*. Cuenca, EC, Museo de los Metales; Historia Y Vida.

Disponível em: <https://parolecorp.com.br/publicações>

Acesso em: 03/12/2025

ASTUDILLO, L. & MORENO, M.M. (2018). *Buen Pago a los Acreedores*. Cuenca, EC, Museo de los Metales; Casa Museo María Astudillo Montesinos; Historia Y Vida; CCE Azuay.

Disponível em: <https://parolecorp.com.br/publicações>

Acesso em: 03/12/2025

CARVALHO, L.G. & RODRÍGUEZ, Y. (Eds.) (2023). *20th anniversary of the Convention for the Safeguarding of Intangible Cultural Heritage: strategies and experiences from Latin America and the Caribbean*.

Belém, NUMA/UFPA ; Brasilia, ABA Publications.

Disponível em: https://www.abant.org.br/files/308876_00180863.pdf

Acesso em: 03/12/2025

FONSECA, D.P.R.; VON BUCHWALD, P. & MORENO, M.M. (1998). *Secretos de Alacena*. Quito, EC, Museo de la Ciudad de Quito; Fundación El Comercio; Edi Ecuatorial; Historia Y Vida.

FONSECA, D.P.R. & MORENO, M.M. (1999a). *De la Cocina de... Manabí*. Quito, EC, Historia Y Vida.

_____ (1999b). *Esencia cuencana*. Quito, EC, UNESCO; Historia Y Vida.

UNESCO (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*.

Tradução do Ministério de Relações Exteriores. Brasília (2006). Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>

Acesso em: 03/12/2025.

Sobre a autora

Denise Pini Rosalem da Fonseca é arquiteta e urbanista (UFRJ 1979); com mestrado em *Latin American Studies* (UofH 1991) e doutorado em História Econômica e Social (USP 1997). Foi Professora Associada da PUC-Rio (1992-2014), Professora Convidada na Pontifícia Universidad Católica del Ecuador (1998-1999) e Pesquisadora Bolsista do CNPq (2004-2014). Co-fundadora e Editora Chefe de *Historia Y Vida* (1998-2025); co-fundadora e Editora de *Anônimos Latinos* (2000-2002); co-fundadora e Diretora Executiva do *Instituto de Educação Socioambiental E.V.A.* (2020-atual), Diretora Socioambiental de *PAROLE Consultoria e Representação* (2014-atual); Fundadora e Editora Chefe da Revista *Letramento SocioAmbiental* (2023-atual).